



**Revista  
Bem Viver  
Compartilhando Saberes**

V. 1, N° 1 – Janeiro a Julho/2024



**MÊS DO ORGULHO LGBTQIAPN+**



**Revista  
Bem Viver  
Compartilhando Saberes**

V. 1, N° 1 – Janeiro a Julho/2024



**MÊS DO ORGULHO LGBTQIAPN+**



# Revista Bem Viver Compartilhando Saberes

V. 1, Nº 1 - Janeiro a Julho/2024

<https://periodicos.emeron.edu.br/index.php/bemviver/about>



ESCOLA DA MAGISTRATURA DO  
ESTADO DE RONDÔNIA - DESDE 1986

## CÚPULA DIRETIVA - BIÊNIO 2024-2025

### Poder Judiciário do Estado de Rondônia

Presidente	Des. Raduan Miguel Filho
Vice-Presidente	Des. Glodner Luiz Pauletto
Corregedor-Geral	Des. Gilberto Barbosa Batista dos Santos

### Escola da Magistratura do Estado de Rondônia - Emeron

Diretor	Des. Alexandre Miguel
Vice-Diretor	Juiz Johnny Gustavo Clemes
Coordenador do Núcleo Pedagógico de Cacoal	Juiz Elson Pereira de Oliveira Bastos
Secretário Geral	José Miguel de Lima

### Centro de Pesquisa Inovação e Publicação Acadêmica - Cepep

Coordenador	Juiz Áureo Virgílio Queiroz
-------------	-----------------------------

### Comitê Técnico-Científico - CTC

Presidente	Juiz Aureo Virgilio Queiroz
Membro	Juiz Johnny Gustavo Clemes
Membro	Juíza Márcia Cristina Rodrigues Masioli

### Comitê de Redação Científica e Conselho Editorial

Presidente	Des. Álvaro Kalix Ferro
Membro	Juiz Arlen José Silva de Souza
Membro	Juíza Inês Moreira da Costa
Membro	Juiz Audarzean Santana da Silva
Membro	Juiz Lucas Niero Flores
Membro Adm.	Jean Carlo Silva dos Santos



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE RONDÔNIA

## TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia - Sede  
Rua José Camacho, 585, Bairro Olaria  
CEP 76801-330  
Porto Velho - Rondônia - Brasil  
Tel.: (69) 3309-6237  
[presidencia@tjro.jus.br](mailto:presidencia@tjro.jus.br)



**EMERON**

ESCOLA DA MAGISTRATURA DO  
ESTADO DE RONDÔNIA - DESDE 1986

Editora: Escola da Magistratura do Estado de Rondônia  
Av. Rogério Weber, 1872, Centro  
CEP: 76.801-906  
Porto Velho - Rondônia - Brasil  
Tel.: (69) 3309-6440  
[emeron.cepep@tjro.jus.br](mailto:emeron.cepep@tjro.jus.br) - [emeron@tjro.jus.br](mailto:emeron@tjro.jus.br)

### **Editor Responsável**

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto

### **Editora-adjunta**

Úrsula Gonçalves Theodoro de Faria Souza

### **Edição de Conteúdo**

Eduardo Ribeiro dos Santos  
Jean Carlo Silva dos Santos

### **Projeto Gráfico/Diagramação**

Ronaldo Marcelo Avelino Knyppele  
Núcleo de Serviços Gráficos - Nugraf

### **Produção**

Centro de Pesquisa, Inovação e Publicação  
Acadêmica - Cepep/Emeron

### **Periodicidade**

Semestral

Todos os direitos reservados e protegidos  
pela Lei n. 9.610 de 19/2/1998. A  
reprodução, total ou parcial, desta revista  
é permitida desde que seja feita a sua  
citação como fonte.

**EDITORIAL****07****FERNANDO DA SILVA  
CONSTANTINO****09****MARIA EDUARDA****14****CARLOS HENRIQUE GOMES SOUSA****18****MIRIA DO NASCIMENTO DE SOUZA****21****KARIN ZERWES KANSOG****25****DEYVID JUNIOR CREMASCO****29****IGOR SOUSA GONÇALVES****33****KAREN DE OLIVEIRA****37****FELIPE MANOEL ARAÚJO DA SILVA****41****ALANA SOUZA****45**

As imagens usadas são provenientes do arquivo pessoal de cada participante e foram gentilmente cedidas para esta edição.

# **INFORMAÇÃO**

A Revista *Bem Viver Compartilhando Saberes* passará a ser um periódico acadêmico, com publicação semestral, executado pela Escola da Magistratura de Rondônia (Emeron). Este é um marco significativo que reforça o compromisso da Emeron com a disseminação do conhecimento de forma inclusiva e acessível.

A revista manterá seu escopo atual, dedicando-se à publicação de textos científicos em uma linguagem acessível para a população. Com um foco especial nas questões amazônicas e nos Direitos da Natureza, a publicação se propõe a garantir um espaço valioso para que os saberes da floresta possam circular amplamente.

Essa abordagem é inovadora no campo das publicações científicas no Brasil, destacando mais uma vez o pioneirismo da Emeron em práticas de educação que geram alto impacto social. A Revista não apenas ampliará o acesso ao conhecimento acadêmico, mas também promoverá a valorização das culturas e saberes tradicionais da Amazônia, integrando-os ao discurso científico.

Com esta iniciativa, a Emeron reforça seu papel como uma instituição que lidera a vanguarda na educação, aliando rigor acadêmico à relevância social e ambiental. A Revista *Bem Viver Compartilhando Saberes* promete ser um veículo essencial para a difusão de pesquisas e práticas que dialogam com a realidade amazônica e contribuem para a promoção de um desenvolvimento sustentável e inclusivo.



**Revista  
Bem Viver  
Compartilhando Saberes**



O presente número da *Revista Bem Viver Compartilhando Saberes* foi realizado em parceria com o Comitê Gestor Interinstitucional da Política de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade (CGGRD). Atualmente, o Comitê é composto pelos seguintes órgãos: Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO), Ministério Público de Rondônia (MPRO), Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região RO/AC (TRT-14) e Ministério Público do Trabalho RO/AC (MPT).

O CGGRD tem como função principal contribuir para a eliminação de todas as formas de desigualdade e discriminação nas relações sociais e de trabalho dentro do âmbito e competência das instituições que o compõem. Além disso, o Comitê age na defesa dos direitos humanos consagrados em legislações nacionais e internacionais, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa parceria reforça o compromisso da *Revista Bem Viver Compartilhando Saberes* com a promoção da equidade e da diversidade, oferecendo um espaço para a discussão e disseminação de conhecimentos que visem a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa para todos.



# **EDITORIAL**

A presente edição da *Revista Bem Viver Compartilhando Saberes* é verdadeiramente especial. No mês que celebra a diversidade sexual, apresentamos a biografia de pessoas LGBTQIAPN+. Escolhemos apresentar biografias, porque as histórias de vidas nos revelam atos de coragem, de amor que estas pessoas tiveram, desafiando todas as adversidades. Falam também de almas que encontraram a força para serem verdadeiras consigo mesmas, apesar das tempestades que enfrentaram.

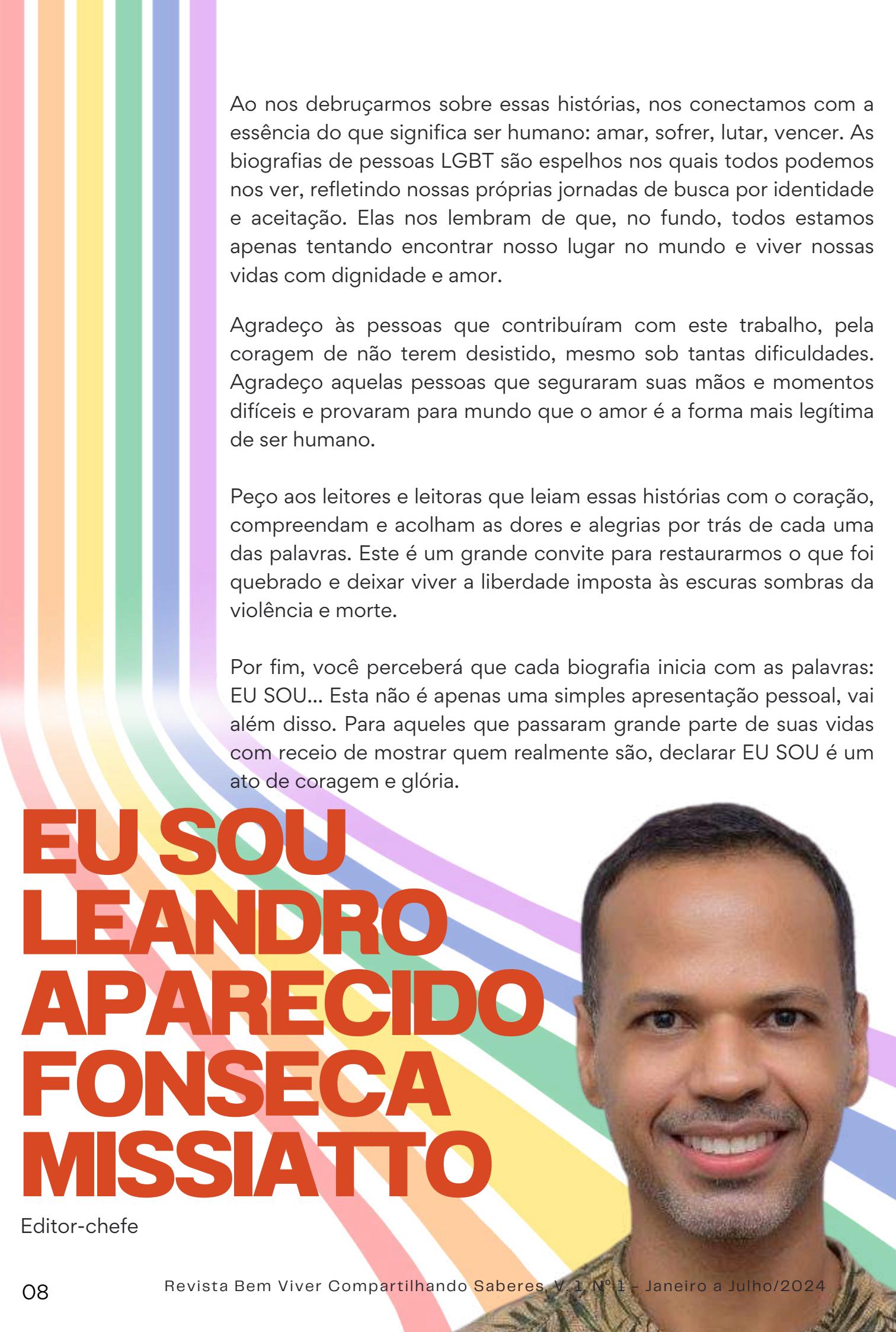
Cada página das biografias que você encontrará aqui é um testemunho de resistência e autenticidade. São histórias que vibram com a intensidade de corações que se recusaram a ser silenciados, que dançaram ao ritmo de suas próprias verdades, mesmo quando o mundo ao redor insistia em um compasso diferente. São narrativas que nos lembram da importância de vivermos de forma autêntica, de abraçarmos quem realmente somos.

Essas biografias têm o poder de abrir portas e janelas, de romper muros e barreiras que segregam e isolam. Elas nos ensinam a empatia, a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, de entender suas dores e celebrações. Cada história é uma semente de mudança, plantada no solo fértil da mente de quem lê, pronta para florescer em compreensão e aceitação.

Ler sobre as vidas de pessoas LGBTQIAPN+ é como passear por um jardim de experiências humanas, cada uma com seu perfume, sua cor, sua forma. É uma viagem que nos leva por caminhos de descoberta e autoaceitação, que nos faz questionar nossas próprias crenças e preconceitos. É um convite para ver o mundo com novos olhos, para sentir com um coração mais aberto.

As histórias que estão contadas neste número são, acima de tudo, celebrações da diversidade do espírito humano. Elas são lembretes poderosos de que cada vida, cada amor, cada luta, tem valor e merece ser contada. São hinos à coragem de viver plenamente, mesmo quando a vida nos desafia a sermos menos.

Em um mundo que muitas vezes tenta apagar essas vozes, essas histórias emergem como faróis de esperança e de verdade. Elas são testemunhos de que a humanidade é vasta e complexa, e que cada um de nós, com nossas diferenças, enriquece o grande mosaico da vida. Essas biografias nos inspiram a ser mais valentes, mais compassivos, mais humanos.

A vertical column of colorful, semi-transparent rainbow stripes runs along the left side of the page, transitioning from orange at the top to red at the bottom.

Ao nos debruçarmos sobre essas histórias, nos conectamos com a essência do que significa ser humano: amar, sofrer, lutar, vencer. As biografias de pessoas LGBT são espelhos nos quais todos podemos nos ver, refletindo nossas próprias jornadas de busca por identidade e aceitação. Elas nos lembram de que, no fundo, todos estamos apenas tentando encontrar nosso lugar no mundo e viver nossas vidas com dignidade e amor.

Agradeço às pessoas que contribuíram com este trabalho, pela coragem de não terem desistido, mesmo sob tantas dificuldades. Agradeço aquelas pessoas que seguraram suas mãos e momentos difíceis e provaram para mundo que o amor é a forma mais legítima de ser humano.

Peço aos leitores e leitoras que leiam essas histórias com o coração, compreendam e acolham as dores e alegrias por trás de cada uma das palavras. Este é um grande convite para restaurarmos o que foi quebrado e deixar viver a liberdade imposta às escuras sombras da violência e morte.

Por fim, você perceberá que cada biografia inicia com as palavras: EU SOU... Esta não é apenas uma simples apresentação pessoal, vai além disso. Para aqueles que passaram grande parte de suas vidas com receio de mostrar quem realmente são, declarar EU SOU é um ato de coragem e glória.

# **EU SOU LEANDRO APARECIDO FONSECA MISSIATTO**

Editor-chefe

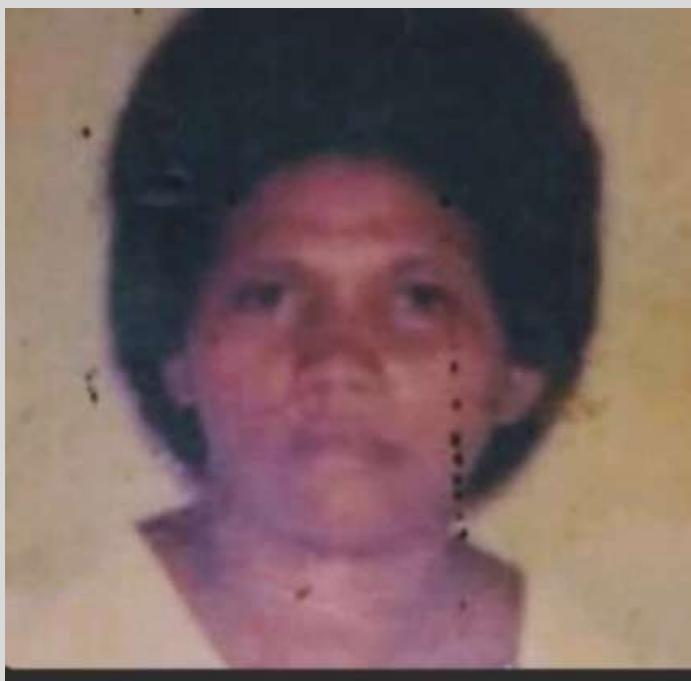


# EU SOU FERNANDO DA SILVA CONSTÂNCIO



Sou Fernando da Silva Constâncio, tenho 35 anos de idade, filho de Francisco da Silva Constâncio e Maria Sabina da Silva, ambos maranhenses, que saíram daquele estado há praticamente o tempo da minha idade para fazer vida em Rondônia. Falar de mim não tem sentido se não partir deles, pessoas humildes, dos quais extraio, inevitavelmente, a significação da minha existência

Quando eu tinha 1 ano e 9 meses minha mãe descansou. Dела, infelizmente, não guardo memória, no entanto tenho a maior admiração pelo seu conhecido carinho e afeto com que tratava a todos a seu redor. Com a partida dela, meu pai passou a se dedicar mais ainda à minha educação e formação, assim como dos meus irmãos também pequenos de idade que mamãe deixou.



Maria Sabina da Silva, mãe de Fernando.



***Minha primeira infância ocorreu no Distrito de Jaci-Paraná, de onde tenho recordações nostálgicas da casa simples em que morávamos meu pai e meus irmãos.***

Meu pai tinha uma pequena mercearia. Tenho forte a lembrança dele atendendo alguns clientes, sempre comunicativo e prestativo, já com os cabelos brancos, pele parda, óculos no rosto, que lhe era característico.

Foi já na adolescência que percebi que meu interesse por garotas não era o mesmo que o dos meus colegas de escola e de rua. Ao notar essa diferença – talvez numa das primeiras noções de sociabilidade – eu passei a me tornar mais introspectivo ainda, procurando negar, a todo modo, qualquer diferença em relação aos meus colegas de idade.

***Tinha um pai nascido no interior do nordeste, com postura típica, o qual era a minha referência em todos os sentidos, toda construção social e familiar que tinha ia de encontro com os desejos e as concepções afetivas que eu ia descobrindo dentro de mim, de modo que a negação e a perspectiva de rejeição pessoal participaram da minha vida por bastante tempo.***

Imerso nos estudos, eventualmente namorei uma menina, mas certo eu estava que não estava sendo justo, nem comigo nem com ela. Em verdade, talvez tivesse a vã crença de que minha orientação sexual mudaria com bastante força e pronta negação do desejo.

Enquanto a vida crescia, tanto quanto negava a minha sexualidade, também descobria o que vinha a nascer como pessoa preta. Possivelmente, a primeira vez que me identifiquei preto foi quando identifiquei diferença de tratamento em determinados lugares quando não encontrava qualquer razão para haver qualquer tipo de discriminação.

Interessante notar que, em nosso país, o preto se descobre como tal não como um ser integrante de uma coletividade social ou como uma personalidade socioindividual e complexa, mas sim como marginalizado daquela ou como um não componente desta, ao qual são destinadas determinadas dificuldades sociais que (não) se justificam apenas por conta de sua cor de pele.

No entanto, diante de tais desafios de vida, seja de orientação sexual, seja de racialidade, embora me causassem variados obstáculos, buscava eu não deixar que fossem determinantes ao meu futuro, sobretudo amparado pelo sonho de dar uma vida melhor ao meu pai, a cada dia com os cabelos mais brancos e escassos.

***Nesse processo, era nos estudos e nos livros que encontrava sossego. Neles, eu sentia que caminhava em direção a tornar a minha vida, de meus irmãos e meu pai mais digna, com a esperança de dar a ele, ainda que no final da vida, um alento por ter me dado condições de poder ir à escola e poder aprender, enquanto ele suava para dar a educação que ele não teve.***



E foi assim que passei numa seleção de estagiários de nível médio do Ministério Público do Estado de Rondônia após conseguir boa colocação em preliminar interna na escola em que estudava. Foi quando a paixão pelo direito se apresentou a um jovem de 18 anos que, naquele momento, deu-se conta de que suas questões pessoais eram também amplamente sociais, e que aquele órgão tinha como papel fundamental a defesa de questões tais quais já conhecia.

***Não demorou, fui aprovado para uma bolsa de estudo para o curso de direito e, ainda no quinto período, tive uma das maiores felicidades de minha vida, quando passei em terceiro lugar para o cargo de técnico administrativo. Não consigo, aqui, descrever o que isso representou pessoalmente e profissionalmente para mim. Impossível, também, expressar a alegria de meu pai ao ouvir que seu filho agora tinha sido aprovado num concurso público.***

Ainda sobre meu pai, depois de alguns anos tive que o acompanhar numa cirurgia cardíaca em outro estado. Realizada com sucesso, meu pai falou algo que jamais vou esquecer.

Dois dias depois do procedimento, ainda na UTI, ele disse que sabia que eu era diferente desde quando eu era pequeno. Contou que sabia que eu era mais amável, mais obstinado e mais sensível. E que me observava e via conflito em mim. Foi quando ele me perguntou se eu era homossexual. Assim, de pronto! Ele disse que, se eu fosse – o que ele já imaginava, mas queria ouvir de mim – ele me amaria mais porque a minha missão nesta vida era maior.

***Eu fui incapaz de responder àquela pergunta, seja porque as circunstâncias me direcionavam para preocupação com ele, seja porque eu ainda não estava preparado para ter aquela conversa.***



Francisco da Silva Constâncio pai de Fernando

Meu pai melhorou. Voltamos ao nosso estado. Depois de algum tempo ele voltou a morar comigo (eu havia ido morar sozinho quando passei no concurso) durante a pandemia. E foi nesse período que nossa relação se acentuou mais ainda. Ele faleceu aos 87 anos, vítima de câncer no pâncreas.

Faz 2 anos de sua partida. Minha mãe – em sua curta vida e brevíssima relação comigo – e meu pai ensinaram tudo o que hoje eu sei.

***Sei que ser preto, vindo de situação financeira bastante fragilizada e ser homossexual e, ainda, ser uma pessoa que convive com HIV não é nada fácil. Mas penso que a vida de ninguém é. E o que eu devo fazer é ressignificar. Carrego isso de modo bastante fortalecido comigo.***

***Penso que batalhei muito para chegar aos meus 35 anos de idade com certa independência financeira, uma relativa consciência racial, social e de gênero. Por isso, meu papel em vida é contribuir para que as vidas de outras pessoas nessas condições sejam mais acessíveis, com menos preconceito, mais afeto, com menos discriminação negativa.***

Neste ano, tive a honra de ser chamado para integrar a Comissão de Equidade do Ministério Público e também o Comitê de Saúde LGBTQPIA+ da Sesau. Nesses espaços, assim como em qualquer outro, quero carregar comigo sempre a luta pelo respeito, mais igualdade de oportunidade, empatia e humanização de todos e todas.

**Esse é quem sou.**



# EU SOU MARIA EDUARDA



Filha de mãe solteira, nascida em 1992, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, localizada numa das regiões mais preconceituosas do país. **Desde que me entendo por ser humano, com raciocínio estruturado, já me descrevi com uma pessoa pertencida à comunidade LGBTQI+.** Desde pequena eu já sabia o tão pesado é carregar esta característica de pertencer a um grupo que não é o padrão da sociedade e é tão marginalizado.

Com o passar do tempo, 7 a 10 anos, fui saindo do meu seio familiar e conhecendo a realidade do mundo, na medida que eu gostava de ir para escola, para igreja, para outros ambientes, sempre me via diferente daquele padrão social imposto como o correto.

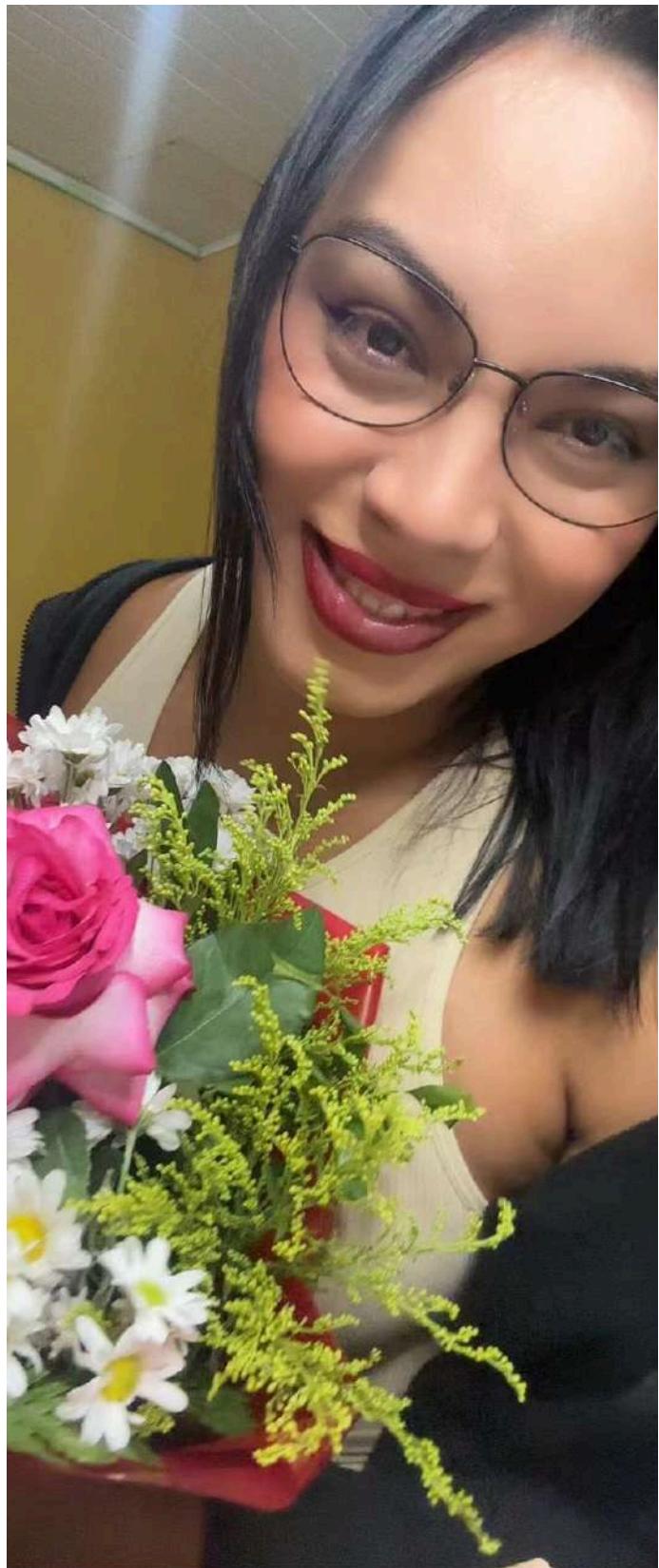
Aos 10 anos, já comecei a entender o quanto diferente eu seria, pois não gostava das brincadeiras de meninos, não gostava de carros, mas também não gostava de bonecas, se é que devia existir esse padrão, pois a brincadeira deve ser entendida como de criança, não definida por gênero, pois a finalidade é apenas se divertir. Afinal, o que impede uma garota de se divertir com uma pipa? Eu gostava de quebra-cabeça, games e desenhar, quando nova queria ser artista de quadros.

No período infanto-juvenil, o bullying é quase algo certo para uma pessoa LGBTQI+. Então, não foi algo diferente a minha pessoa, escutei piadas como viado, bichinha, gay, e outras que é de conhecimento da maioria das pessoas, que muitas vezes se calam na presença de agressão verbal. ***Se isso me afetou, talvez, ainda não consegui mensurar essa sensação pretérita no meu presente, mas creio que me fortaleceu e me deixou mais forte para enfrentar o mundo.***

Todavia, o que mais me incomodou já na adolescência era a agressão física que sofri na escola Barão dos Solimões, escola pública do meu estado, pois eu já não ficava calada quando alguém queria me diminuir por minha condição sexual, a qual ocorreu no período da sexta ou sétima série, não me recordo muito, mas teve dois momentos que briguei com garotos que se achavam valentões, levei uma surra, mas também bati.



Ressalto que foi uma forma de defesa de uma pessoa que já estava cansada e muito para baixo. Entretanto, essa fase foi complicada, mas teve muitas coisas boas, divertidas, gostava de jogar vôlei com meus amigos, sempre adorei esportes, de



estudar bastante, e também namorar etc.

Meu pai apareceu quando eu tinha 17 anos, com a desculpa que agora podia me ajudar financeiramente, até então tinha “sumido do mapa”, mas mal sabia ele que podia ter ajudado afetivamente, isso é só o resumo. Agradeço a ele pelo que fez, mas o sentimento paterno não é algo de certidão, é algo construído ao longo do tempo, mas mesmo assim eu o amo.

Aos 17 anos já entrei na UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, mas ainda não sabia o que eu queria direito, então passei pelos cursos de Informática, a qual também briguei com um menino por conta de orientação sexual, passei pelo curso de Letras português, Direito, acabei ficando no direito, mas no decorrer passei em medicina, na UNIR, SÃO LUCAS, na qualidade de bolsista do PROUNI, UFMS E UFAM. Minha família ficou tão feliz com essas aprovações, mas com 22 anos eu já estava passando em uns concursos, e minha condição financeira não era tão segura para eu me manter num curso de medicina, até pensei em fazer, mas não senti segurança em entrar no curso que apesar de ter conseguido a vaga ou bolsa, teria tido um custo muito caro.

Com 23 anos passei no Tribunal de Justiça de Rondônia, apesar de ter sido a quarta nomeação em um órgão público na qualidade de servidora, foi uma sensação tão boa, pois é um órgão renomado e bem requisitado. Terminei o curso de DIREITO na UNIR somente em 2019, com muita

dificuldade, pois havia parado para estudar para o TJRO, que acabei passando e sendo nomeada, no dia 24 de dezembro de 2015, um ótimo presente de natal.

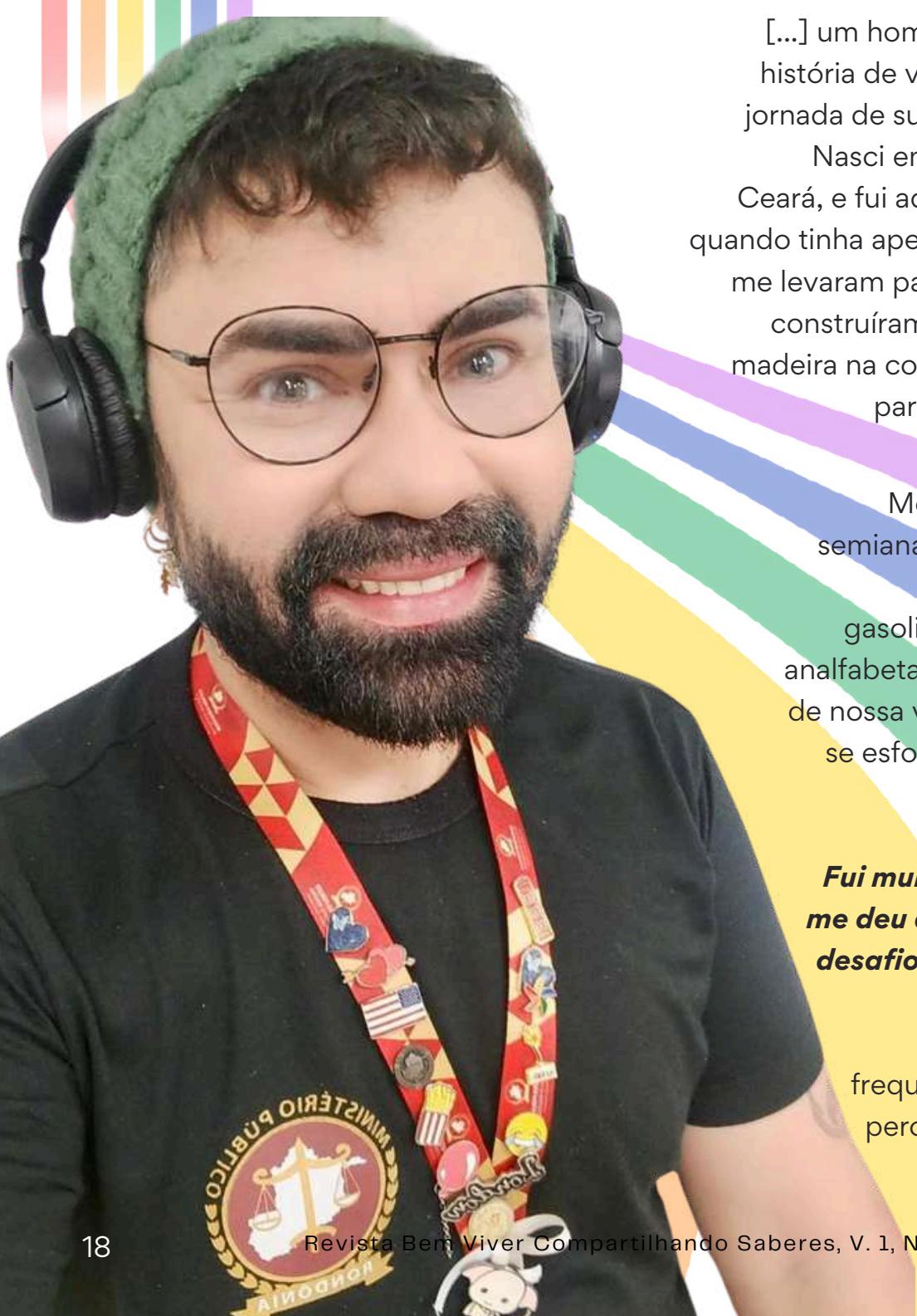
Atualmente ainda trabalho no susodito Poder Judiciário, mas aguardando outra nomeação. Sou pós-graduada em Direito Constitucional, Gestão Pública e Metodologia do Ensino Superior. Tenho orgulho da minha vida acadêmica e tenho certeza que meus pais também, pode não parecer tanta coisa para alguns, mas para uma pessoa trans, é tão complicado chegar no espaço que cheguei.

Iniciei a minha transição de gênero com 29 anos, estou atualmente com 32 anos, uma transição tardia, mas a qual estou muito feliz por todo o processo. Enfrentei algumas dificuldades novamente, pois ser uma mulher trans é mil vezes pior que ser uma pessoa autoidentificada como gay no que tange ao preconceito, pois o que há: erro de pronome, é assédio por ser um corpo sexualizado, é problemas para entrar no banheiro, mas graças as plásticas foram diminuindo com o tempo (risos), entre outros.

A transição de gênero é um processo individual primeiramente, mas também um processo social. As pessoas deviam se preocupar mais consigo do que com os outros, pois hoje me considero uma pessoa feliz e amada, e vejo muitas pessoas que são infelizes, e geralmente essas que tem a audácia de falar alguma coisa, lembrando que transfobia é crime. ***Eu sempre falo que quem tá feliz não se preocupa com os outros e respeita os outros.*** Para as pessoas mais novas, principalmente as pessoas do grupo LGBTQI+, deixo um recado a vocês, o que vocês sonharem, vocês podem ser, sejam juízes, médicos, enfermeiros, biólogos, professores, e o que quiserem, só lembrem de uma coisa, só depende de você e não ligue para os outros, pois no fim da noite, ninguém se preocupa além do próprio umbigo, e outra quem é feliz não se incomoda com ninguém. ***Levante, meu amigo, amiga e ocupe seu lugar na sociedade e se ame sempre.*** Agradeço a minha mãe por tudo, pois o pouco que ela pode me dar foi o suficiente para eu ser quem sou, sem ela eu não seria nada.

Abraço a todos.

# EU SOU CARLOS HENRIQUE GOMES SOUSA



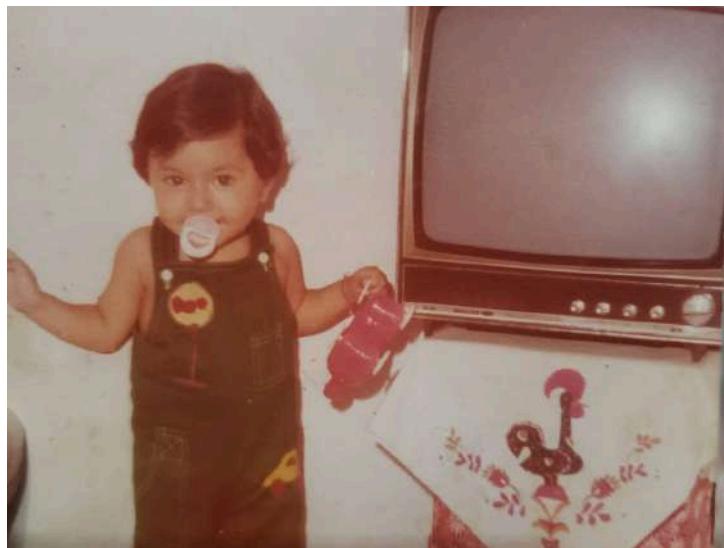
[...] um homem de 44 anos com uma história de vida que é uma verdadeira jornada de superação e autoaceitação.

Nasci em Forquilha, no estado do Ceará, e fui adotado por pais amorosos quando tinha apenas três dias de vida. Eles me levaram para o Rio de Janeiro, onde construíram um pequeno barraco de madeira na comunidade Nova Holanda, parte do Complexo da Maré.

Meu pai, um homem negro, semianalfabeto, trabalhava como frentista em um posto de gasolina, enquanto minha mãe, analfabeta, cuidava de casa. Apesar de nossa vida humilde, eles sempre se esforçaram para que nada me faltasse.

***Fui muito amado por eles e isso me deu a base para enfrentar os desafios que viriam pela frente.***

Aos sete anos, comecei a frequentar a escola e foi lá que percebi que era diferente dos outros meninos.



Me apaixonei por um colega de classe, também um menino de sete anos. Esse foi o meu primeiro sinal de que eu era gay. No entanto, ***foi apenas na adolescência que consegui me expressar como um homem gay.***

Meus pais fingiam não saber, mas nunca me pressionaram a ter namoradas. O resto da família sabia e fazia comentários indiretos, mas meus pais nunca me forçaram a confessar minha orientação.

***Eu tinha medo de ser expulso de casa, como aconteceu com alguns amigos gays quando seus pais descobriram sobre sua orientação.***

Eu não queria entrar no mundo da prostituição ou mendicância, como muitos deles tiveram que fazer. Então, mantive minha orientação em segredo até os 18 anos, quando finalmente contei para minha mãe. Ela, uma mulher evangélica, não aceitou bem no início e ficamos um ano sem nos falar. Mas meu pai, que sempre valorizou o caráter e a responsabilidade acima de tudo, me aceitou como eu era.

Aos 18 anos, comecei a faculdade. Sempre acreditei que a educação seria a chave para minha independência financeira e para trazer orgulho para meus pais, que eram analfabetos. Por isso, decidi cursar Serviço Social e me envolver com o grupo de defesa da causa LGBT, o Arco-Íris.

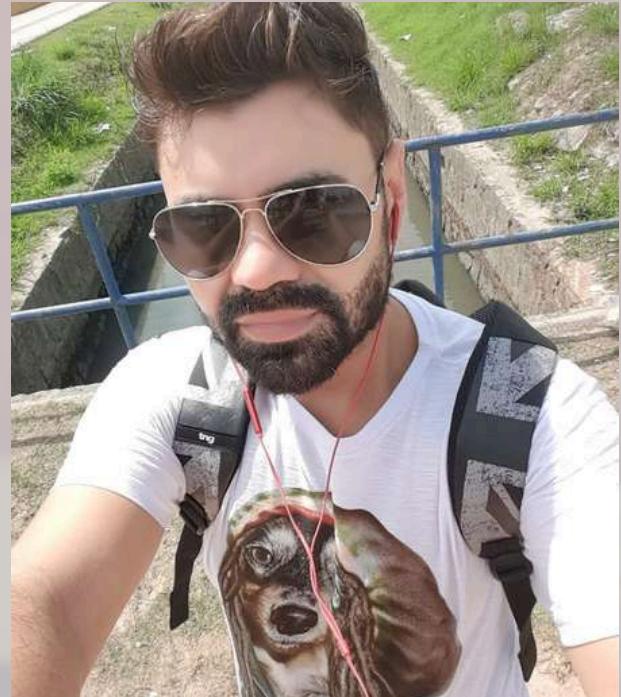
Me formei aos 23 anos e, para avançar profissionalmente, me mudei para a região norte do país. Morei seis anos em Manaus, onde trabalhei como secretário-executivo de uma instituição do estado e professor universitário em uma faculdade privada. Foi nesse período que fiz meu primeiro mestrado em Serviço Social. No entanto, meu sonho sempre foi ser servidor público.

Comecei a estudar para concursos públicos de outros estados e fui aprovado em todos os que fiz: SESAU (2008), SEJUS (2010), Prefeitura (2011) e Ministério Público (2012). Em 2011, decidi me mudar definitivamente para Porto Velho, em Rondônia. Em 2012, com meu ingresso no Ministério Público, tive que abrir mão dos demais concursos.

Atualmente, sou mestrando em Direitos Humanos e Acesso à Justiça pela Universidade Federal de Rondônia (DHJUS/UNIR). Além do meu mestrado em Serviço Social pela PUC RIO, tenho graduação em Serviço Social pelo Centro Universitário Augusto Motta e pós graduação em Gerontologia e Saúde do Idoso pela UEA, além de Administração e Planejamento de Projetos Sociais. Fui professor de ensino superior do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas Aparício Carvalho - FIMCA e do curso de pós-graduação do grupo ATHENAS por 10 anos.

No Ministério Público exercei minha função na 19ª Promotoria de Justiça da Infância e Juventude, onde atuei por 10 anos ao lado Dr. Marcos Valério Tessila de Melo, atual procurador. Recentemente estou lotado no Grupo de Atuação Especial Cível e de Defesa dos Direitos Humanos, da Cidadania, do Consumidor, das Crianças, Adolescentes e Jovens e da Saúde - GAECIV sob a coordenação do Dr. Julian Imthon Farago, e trabalho na assessoria de projetos.

Também faço parte da Comissão de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade, presidida pela Dra. Flávia Barbosa Shimizu Mazzini.



**Minha jornada tem sido marcada por desafios, mas cada um deles me fez a pessoa que sou hoje: um homem orgulhoso de sua identidade e comprometido em fazer a diferença na vida das pessoas.**

# EU SOU MIRIA DO NASCIMENTO DE SOUZA

Povoada



Ingressei na magistratura rondoniense em abril de 2016. Perguntei aos amigos mais próximos se havia algum juiz ou alguma juíza abertamente LGBTIA+ no TJRO, e a resposta foi negativa. Eu era a primeira. Logo me veio o medo de ser exonerada ou de sofrer algum tipo de perseguição dentro do tribunal por preconceito, em razão do estresse de minoria que acompanha as pessoas LGBTIA+.

**Quando tomei posse, já namorava minha esposa há sete anos. Durante o período de vitaliciamento, pelo meu medo, moramos por dois anos separadas – ela em São Paulo, e eu aqui em Rondônia.**



Durante o processo de minha avaliação, chegaram a perguntar para assessoras se eu namorava alguém, mas elas não tinham essa informação porque para poucas pessoas eu tinha contado da Karin – apenas para quem eu confiava muito.

Uma dessas pessoas, minha grande amiga, Dra. Simone de Melo, me disse que eu não deveria me preocupar daquela forma e me pediu permissão para conversar com o Desembargador Corregedor sobre meu receio. Um grande alívio me tomou quando a resposta dele era que se manter no trabalho com ética era o que importava.

Assim que o vitaliciamento terminou, Karin mudou-se para Rondônia e começou a trabalhar nos preparativos para o nosso casamento, que aconteceu em 2019: no cartório, em Porto Velho, e na Igreja Anglicana, em São Paulo – onde tínhamos muitos familiares e amigos. Senti uma grande alegria quando recebi minha licença-gala sem nenhum contratempo.

Desde que Karin mudou-se para cá, passamos a frequentar os eventos sociais do Tribunal, sempre sendo bem-recebidas. Nesse período, comecei a me sentir mais parte do Tribunal – a partir de então podia ser plenamente quem eu era, e falar sobre minha esposa com a mesma naturalidade que outras mulheres falam de seus maridos no dia a dia. **No entanto, a impressão que eu tinha era a de que eu era uma pessoa só, diversa no Tribunal. E sentia uma certa solidão.**

Um pertencimento incompleto. ***Mas isso iria começar a mudar em 2021, quando o TJRO publicou a Resolução 186, que criou o Comitê Gestor Interinstitucional da Política de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade, publicando edital para livre inscrição dos interessados em fazer parte do Comitê. Fui a única juíza inscrita do Tribunal.***

Como juíza, minha atuação é estritamente ligada aos processos que julgo, então integrar o Comitê me trouxe legitimidade e liberdade para atuar em pautas envolvendo gênero, raça e diversidade. Ladeada por membros(as) comprometidos(as), iniciamos os trabalhos e fizemos ações muito preciosas para a comunidade LGBT+, ações que me tocam pessoal e profissionalmente, que me dão esperança num futuro mais justo e igualitário, com respeito às diferenças.

Cada pessoa tem a compreensão do que, para ela, é uma vitória, uma conquista. Para mim, é muito significativo, de valor inestimável, poder peticionar pelo Comitê para a Presidência, buscando orientação acerca do uso de banheiro por pessoas trans e travestis e ter o pedido atendido, com a expedição

de Circular Interna para o Estado inteiro, com a diretriz de que deve ser respeitada a identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica, sem a criação de um terceiro banheiro. Também de valor inestimável poder levar à Presidência do TJRO a demanda de mudança dos campos com relação à filiação, no formulário dos(as) servidores(as) e ter o pedido prontamente atendido. Ao invés de constar “nome do pai” e “nome da mãe”, passou a constar “filiação 1” e “filiação 2”, em integral respeito às famílias constituídas por duas mães ou dois pais, e sem nenhum prejuízo às famílias heterossexuais, que continuam com o campo para preencher seus nomes.

Em junho de 2023, o Mês do Orgulho, gravamos o depoimento de algumas mães de pessoas LGBT+. Os relatos são lindos, emocionantes e inspiradores. Para quem é cisgênero e heterossexual, receber uma mensagem de amor da mãe ou do pai, já é emocionante. Mas para quem é LGBT+, é uma declaração de amor sem limite, considerando que, infelizmente, a família normalmente é o lugar em que há o maior número de rejeição





e violência (verbal, psicológica e até mesmo física).

Uma das mães convidadas me falou em reservado o quanto tinha ficado lisonjeada e, sobretudo, feliz em poder demonstrar seu amor e acolhimento pela filha LGBT+.

Eu, como lésbica, lembrei imediatamente da minha mãe, de seu acolhimento, proteção e amor, e o quanto isso foi fundamental para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

O Comitê tem me tornado uma pessoa e uma profissional melhor. Aprendi sobre pessoas com deficiência e o preconceito com as deficiências invisíveis, sobre intolerância religiosa, especialmente com as religiões de matriz africana, sobre a importância da preservação dos direitos dos povos originários, sobre a quantidade ínfima de juízes e juízas pretas na magistratura, sobre a importância das cotas raciais em cargos de liderança, gestão.

***Hoje eu sei que “sou uma, mas não sou só”.***



# EU SOU KARIN ZERWES KANSOG



Durante minha infância e adolescência, não tive contato com nenhuma pessoa LGBTIA+; piadas racistas, machistas e homofóbicas eram constantes nos encontros de família. Havia sempre uma eterna reafirmação da família – a família-sobrenome-do-avô-paterno; a família-sobrenome-do-avô-materno. Eu **sempre amei** muito meus familiares – nós sempre fomos muito carinhosos uns com os outros – mas achava horríveis essas tendências “separatistas”. **Para mim, todos os seres humanos eram meus irmãos, e a humanidade era minha família. Todas as pessoas eram dignas de respeito e consideração.**

Todo Natal, minha avó materna fazia bolachinhas amanteigadas, pintadas com açúcar colorido. Os homens ganhavam a figura de um porco; as mulheres, de uma boneca. Além do biscoito de cada um, havia outros biscoitinhos em forma de bonequinhos menores, estrelas, corações, arvorezinhos de Natal. Eu não me conformava com o fato de a pele das bonequinhos ser sempre pintada de um rosinha claro. E fazia bonequinhos negras, outras de olhos puxados, e anjinhos de cabelo loiro, marrom e preto. Eu já ansiava pela diversidade que não via perto de mim.

Na escola também, durante minha infância e adolescência, a diversidade com que tive contato foi, no máximo, a de classe



social – estudei como bolsista em escolas particulares. Não havia colegas negros de pele retinta, nem que se mostrasse abertamente lésbicas, gays ou de qualquer outra letra da sigla. No entanto, havia reforço do ambiente familiar machista e homofóbico: tive vivências cuja lembrança me dá desgosto com meninos e adolescentes com o que hoje chamamos de masculinidade tóxica.

***Tendo crescido nesses ambientes, não conseguia perceber minha própria orientação afetiva e sexual. Mas ela sempre esteve presente.***

Quando estava na quinta série, chegava em casa e só falava da minha amiguinha Joana – até minha mãe me chamar a atenção de que eu não tinha outro assunto... Quando estava no Ensino Médio, achava muito bonita uma amiga minha e pensava sempre o quanto ela era bonita. Quando estava na faculdade, um namorado reparou em um caderno de figuras que eu tinha – havia apenas figuras de mulheres; os dois únicos homens que estavam no caderno eram cabeludos, com olhos e unhas pintadas (bem parecidos com aquele namorado inclusive).

Então, até os 32 anos, só tinha namorado homens – geralmente fora do padrão heteronormativo. Tinha até beijado mulheres, e tinha gostado dos beijos, mas eram sempre situações pontuais, com mulheres que também se relacionavam com homens.

***Naquela época, se eu não tinha plena consciência da existência de lésbicas e gays, o que dirá de bissexuais.***

Aos 33 anos, conheci a mulher maravilhosa que hoje é minha esposa. Achei-a linda e interessante, e, como ainda não me conhecia direito, quis me aproximar dela pensando que ela seria uma boa amiga (ela não acredita nessa história até hoje. Sempre diz que eu já estava dando em cima dela). Ainda bem que ela já queria também se aproximar de mim - e com segundas intenções... Ficamos e, seguindo rigorosamente o folclore lésbico, começamos imediatamente a namorar. Naquele momento, eu já tive certeza de que ela era a pessoa com quem eu queria ficar pela vida afora.

Naquela época, tinha voltado a morar com a minha mãe. E, de alguma forma, voltei à infância: só falava da Miria: “saí com a Miria”, “vou sair com a Miria”... Até o momento em que minha mãe, achando essa “amizade” um pouco forte demais, me rodeou enquanto pintávamos juntas



uns biscoitinhos de Natal: “Você sai muito com a Miria, né? Se ela ainda fosse um menino, eu diria que vocês eram namorados...”

Naquele dia, eu estava meio atacada, então respondi à queima-roupa: “E qual o problema de namorar uma menina?”. Quase matei minha mãe do coração. A partir desse dia, ela passou por maus bocados, e começou a apresentar um monte de sintomas psicossomáticos, indo ao hospital muitas vezes até conseguir se acalmar com a notícia e começarmos a retomar nossa comunicação.

Queria ter mais espaço para contar com detalhes o caminho que percorremos nós três juntas, desse choque inicial ao relacionamento que temos hoje - cheio de amor, carinho e respeito umas pelas outras.



Vou deixar registrados alguns momentos que me marcaram profundamente. O primeiro deles foi a minha certeza de que eu me afastaria da minha mãe se eu não seguisse o caminho do meu amor pela Miria. Eu me sentiria tão ressentida se me afastasse da Miria por causa da não aceitação da minha mãe, que eu me separaria desta. E eu não queria isso. Porque meu amor pela minha mãe também é imenso.

O segundo foi entender, a partir das palavras de uma querida amiga, o que se passava na mente da minha mãe: duas mulheres namorarem não era impossível; era inconcebível – ela não tinha repertório para conseguir conceber aquele formato de afeto.

O terceiro foi o momento em que eu tive a nítida impressão de que minha mãe nunca entenderia o amor romântico entre duas mulheres – eu via uma imagem de um abismo entre nós, intransponível – e que eu deveria respeitar isso. O sentimento de respeito me fez continuar ao lado de minha mãe, propondo conversas e mais conversas, de forma não violenta, que nos trouxeram até o bilhete que minha mãe mandou para Miria no mês passado:

***“Muito obrigada por tua  
presença em nossa vida!”.***

Continuamos a pintar biscoitos. Agora, mais coloridos ainda.



# EU SOU DEYVID JUNIOR CREMASCO



Nasci em Resplendor - Minas Gerais, início da década de 80, finalzinho da ditadura, zona rural, colônia de descendentes italianos, onde as famílias se casavam entre si, todo mundo era meio parente e moravam relativamente perto. Cultura patriarcal, machista, extrema direta e religião católica.

Fui o neto mais velho durante 6 anos, mimado pelos avós, tios e tias, bisavós, morávamos todos pertinho, passava grande parte do tempo na casa dos avós. Desde criança me sentia diferente, e percebia que meus gostos não agradavam os adultos. Numa oportunidade foi-me solicitado escolher um presente, que um parente rico ia dar, insistiram para que eu escolhesse um carrinho que batia na parede e se transformava em robô, não quis de jeito nenhum e escolhi um telefone de plástico, bem simples.



Não gostava de bonecas nem de carrinhos, preferia outros brinquedos e brincadeiras, subir nas árvores, transformar galhos secos em espadas e arco e flecha, pique esconde. Gostava de brincar com ambos, meninos e meninas, mas tinha dificuldade de lidar com a agressividade dos meninos. No avançar do tempo, fui ficando com as meninas, me sentia mais acolhido por elas. Como não conseguia lidar com os meninos, que além da agressividade, transgrediam as regras dos adultos, o que era terrível para mim, então ficava só, ou brincava com as meninas.

Com 10 anos de idade, meus pais e eu nos mudamos para outro sítio, um pouco mais longe dos familiares, fui para escola maior, numa pequena vila próxima chamada Tabaúna. Quase não tinham parentes lá, ou adultos conhecidos para eu me sentir mais protegido dos meninos.

***Fui objeto de deboche pelos trejeitos, pela voz, porque eu andava rebolando, porque era delicado, porque era estudioso e ficava muito tempo com as professoras, porque eu era caprichoso com meus cadernos, porque eu usava muito pincel colorido rosa.***



***Fui me fechando para as pessoas de modo geral como o avanço da puberdade, sofria muito internamente porque sabia que Deus tinha acesso aos meus pensamentos, que se direcionavam para afetos românticos para figuras masculinas, então me sentia julgado, queria não existir, revoltado porque mesmo que eu não fizesse nada, o simples fato de estar vivo, de existir, já representaria vergonha e dor para minha família, então me via sem saída.***

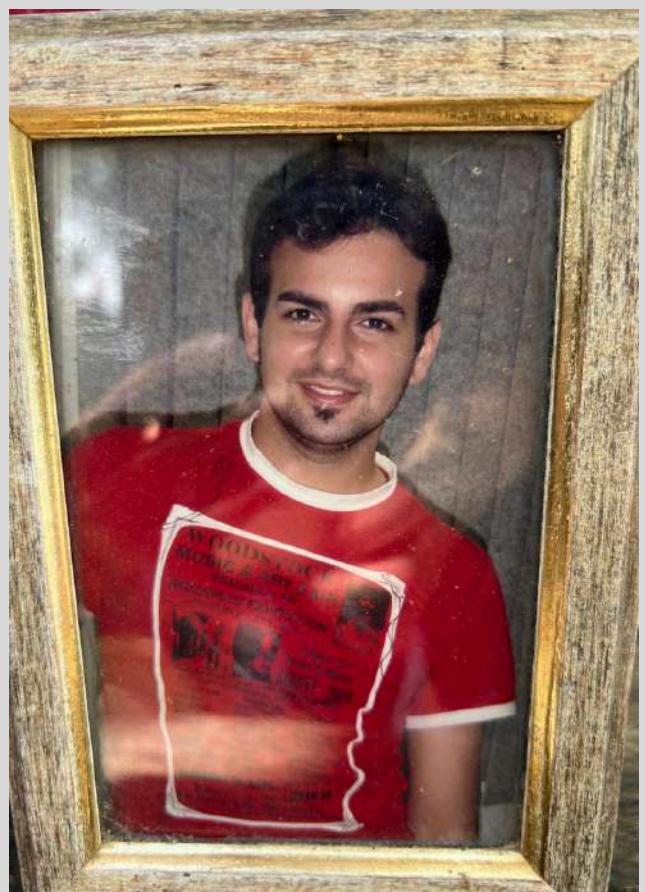
Assustei-me uma vez na escola quando vi uma gravação de vídeo em que eu aparecia num momento, final de ensaio da banda da escola, que tocava no desfile de 7 de setembro, eu me movimentei com o bastão e o surdo que tocava e fui num colega e falei algo em voz alta. O susto foi perceber meus trejeitos e minha voz. Achei tão feio. Dei razão às coisas que diziam de mim. Um conflito interno que era bem presente também, era que, quando alguma professora me defendia, ou outro adulto, era dizendo que eu não era aquilo que estavam falando de mim, que eu não era gay, não era viado. Então além de sofrer por estar sendo debochado, também sofria quando era defendido, porque eu sentia estar enganando a pessoa que me defendia.

Não queria mais sair de casa, ser visto, principalmente em situações envolvendo minha família, temia a vergonha e dor que meu existir causava. Comecei a tomar antidepressivos, e uma vez me levaram num psiquiatra numa cidade mais longe, ele foi bem objetivo comigo, me disse:

***“Você é diferente e precisa dizer isso para sua família, haverá tumulto, mas você só saberá como agir depois que fizer isso”.***

Nunca tive coragem de ir à consulta de retorno com ele.

Com 18 anos, acabaram os estudos de ensino médio, era difícil conseguir emprego, e trabalhar na roça era difícil pelas divergências com meu pai porque eu me considerava incapaz de fazer as coisas que os homens lá faziam. Tive oportunidade de viajar para Jaru - Rondônia, fui viver com minha Tia, seu esposo e meus primos crianças. Fui muito bem acolhido, conseguiram emprego de frentista para mim. Dei muita sorte que era uma empresa familiar, e o filho de um dos donos,



que trabalhava no escritório lá, também era como eu, então os trejeitos não foram tanta novidade para os patrões, contudo, como eu trabalhava na pista, para os colegas de trabalho sempre era motivo de zoação.

Minha Tia me incentivou muito a começar a fazer faculdade, que na época tinha acabado de abrir lá, fiz Ciências Contábeis, com ajuda financeira do meu Pai, o que eu não queria, mas aceitei depois. Chegou um momento que precisei sair da casa da minha Tia, meu Tio achava que eu poderia influenciar negativamente nos filhos. Fui morar sozinho, foi estranho, foi necessário. Na faculdade, uma amiga me disse que tinha vaga para estagiário administrativo no Ministério Público. Eu consegui entrar, foi o máximo para mim, adorava atender o telefone lá, tinha vergonha da voz, tentava engrossá-la, mas ocasionalmente esquecia.

Fiquei um tempo acumulando o trabalho de frentista com o estágio, dando uma jornada de 11 horas por dia, mais a faculdade de noite. Passei no concurso do Ministério Público e então fiquei apenas lá, trabalhando como técnico administrativo. A primeira vez que vi meu contracheque não acreditei, o valor não era muito maior que a soma das duas atividades anteriores, mas ver minha e foto e meu nome num documento, como trabalhador de um órgão público, foi o máximo.

Passei a ter mais contato com os assuntos sobre Direito, com os estagiários e assessores. Um dia, ao ouvi a estagiária de Direito comentando com alguém: “Ah isso está no capítulo da liberdade sexual”,

fiquei super empolgado pensando que era algo permitindo que eu fosse gay. Depois pedi ela para eu ver o tal capítulo do Código Penal, na verdade, era só para criminalizar quem fizesse o outro de escravo sexual, nada a ver com liberdade de identidade de gênero.

Procurei o curso de Direito, e consegui na UNIR de Porto Velho, mudei-me para lá transferido do trabalho graças à aprovação do vestibular. Depois entrei no TJ via concurso, ***hoje sou assessor de juíza e faço parte do comitê de diversidade da instituição, onde tento contribuir para a cultura de inclusão e respeito às diferenças, tentando influenciar a cultura com ideias para construir um mundo em que menos gente passe por menos dor a que eu fui exposto.***



# EU SOU IGOR SOUSA GONÇALVES



Nasci em Belo Horizonte/MG, no ano de 1994. Tive uma infância feliz, embora me recorde que desde muito novo queria ser adulto logo. Tenho um irmão gêmeo e uma irmã quatro anos mais velha. Cresci dentro da escola e no meio dos livros. Minha mãe se formou em pedagogia e transformou o quintal da antiga casa numa escola infantil, que ela administra até hoje. Nos finais de semana, íamos sempre pra roça, numa cidade pequena dentro da região metropolitana de Belo Horizonte (Moeda), onde meu pai nasceu e conheceu minha mãe.

Eu amava a escola, mas não gostava de descer para o recreio. Gostava de ficar na sala, desenhando e escrevendo.

Aprendi a ler sozinho, brincando de juntar as sílabas depois da aula. Foi também na escola que, aos poucos, fui me aproximando das meninas, com as quais eu tinha mais interesses em comum. ***Sabia que havia algo diferente em mim, mas achava que eu era só um menino mais sensível.*** Eu sonhava em ser escritor.

No decorrer da infância e da adolescência, os apelidos nada amistosos foram surgindo. Meu jeito de ser, meus gostos, meu cabelo, minha voz ou o jeito de cruzar as pernas – tudo era corrigido. Eu não sabia o que era ser gay, mas desde muito novo aprendi que era algo que não se podia ser. Ser gay naquela época significava ser uma aberração.

***Antes mesmo de sentir desejo ou atração por outros meninos, lembro-me de rezar e fazer a promessa a mim mesmo, que caso eu fosse gay, guardaria em segredo.***

Só fui quebrar essa promessa aos 19 anos.

Na adolescência, não existiam grupos de pessoas LGBT na escola.

No fundo, nos reconhecíamos, mas sabíamos que era perigoso demais nossa aproximação. Na mídia, os raros exemplos de pessoas LGBT eram tratadas com escárnio e como alvo de chacota em programas de humor. Decidi cursar direito, inicialmente por influência do meu pai, advogado trabalhista.

Logo no início da faculdade, me dediquei ao direito do trabalho nos grupos de estudo, pesquisa e extensão da Faculdade Direito da UFMG. Acabei canalizando de alguma forma o sonho da infância de ser escritor, na academia. Comecei pela iniciação científica, dei continuidade no mestrado e atualmente sigo estes passos no doutorado.

Foi no estágio em um determinado órgão público que vivi minhas primeiras experiências de homofobia no trabalho. ***Comentários maldosos e brincadeiras sobre a minha orientação sexual marcaram um dos meus primeiros contatos com o mundo trabalho.*** Foi nesse momento que percebi que o acesso ao trabalho por meio de concurso público seria a forma com a qual gostaria de ingressar no mercado de trabalho.



Eu não precisaria esconder minha orientação sexual, mudar minha personalidade ou meu jeito de ser. Ao mesmo tempo, garantiria certa independência financeira e estabilidade.

Após algum tempo na advocacia trabalhista, cheguei a ser convocado no concurso para servidor da Justiça do Trabalho e, em seguida, fui aprovado no concurso para Procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT). Durante a preparação do concurso, me recordo que o contato com um professor, assumidamente gay, e hoje meu colega no MPT, mudou bastante minha percepção sobre mim mesmo.

Foi depois de conhecê-lo, que eu passei a sonhar (literalmente) com a possibilidade de ocupar aquele cargo que eu tanto almejava. **Durante a adolescência e início da juventude tive pouquíssimas referências de pessoas LGBT em cargos e posições de destaque. Dessas poucas referências, a maioria delas mantinha-se “no armário” e/ou não expressavam sua orientação sexual ou identidade de gênero no trabalho.** Parece loucura nos dias de hoje, mas esse era o cenário há menos de uma década atrás.

Durante a minha trajetória como Procurador do Trabalho tive a sorte de iniciar a carreira em Rio Branco, no Acre, e



Lucas Henrique Vieira Lenci, companheiro de Igor.

depois me removi para Porto Velho, em Rondônia.

Após alguns meses, assumi a coordenação regional da Coordigualdade, coordenadoria que trata da discriminação no trabalho e que tem como um dos projetos de referência o da promoção da empregabilidade LGBTQIAPN+. Neste projeto, pude participar da organização de audiências públicas, rodas de conversa, além de ter atuado na expedição de recomendações ao Poder Público sobre a promoção do direito ao trabalho para esse público.

Essas experiências me levaram à gerência do Projeto Nacional do MPT sobre empregabilidade LGBTQIAPN+ e a voltar meu objeto de pesquisa do doutorado para o tema. Tenho muita gratidão pelo caminho que tenho trilhado e principalmente por hoje poder ser apenas uma das muitas referências LGBT dentro da instituição. Apesar disso, há ainda muito a ser trilhado, principalmente com o público transgênero, que continua, em sua grande maioria relegado à informalidade e à prostituição como forma única forma de sobrevivência.

***Quando falamos de pessoas LGBT negras ou com deficiência, essa situação é ainda mais grave. Essa tem sido a minha luta diária, a luta pela inclusão de todas as pessoas em igualdade de oportunidades no trabalho. É aqui que eu me realizo e me transformo.***



# EU SOU KAREN DE OLIVEIRA



Até os 14 anos, eu tinha uma vida considerada “normal” – sofrer bullying não era visto como uma situação grave. Desde criança, nunca me vi como menino, e em meio a apelidos, gracinhas e até abuso sexual, me esforçava por me manter dentro da escola. Tentei, por diversas vezes, dialogar com professoras e diretoras, e não recebi proteção alguma, pois a resposta era, invariavelmente: **“Aprende a ser igual aos meninos! Deixa de ser delicado! Isso não é coisa de homem!”.**

Um belo dia estava eu na praça com um namorado, e minha tia passa e me vê vestida de mulher. Daí para frente, tudo mudou bruscamente. Quando cheguei em casa à noite, minha mãe disse que eu não fazia mais parte da família, entre diversas outras palavras rudes e desgastantes.

**Nesse momento, senti que todos os meus laços familiares foram cortados e que fui expulsa de casa. No dia seguinte, assim que amanheceu, tive um instinto muito forte de sair e não voltar mais. E começou uma nova fase da minha vida.**

Não quis deixar passos que minha mãe pudesse seguir, então fui ao escritório de contabilidade em que trabalhava até então e pedi as contas. Como eu era menor de idade, o salário era pago à minha mãe; pedi então que a patroa acertasse diretamente comigo os dias trabalhados, peguei o dinheiro e saí. Como não tinha para onde ir, comecei a dormir na praça da cidade de Porto Velho. Para comer, fui até um restaurante e pedi para trocar trabalho por comida. O cozinheiro aceitou minha proposta e comecei a trabalhar lá.

Como precisava mais do que apenas comida, precisava encontrar um trabalho que me pagasse. Naquele momento, minha única perspectiva era tentar fazer programa à noite. Eu não tinha conhecimento de como se fazia isso, de como funcionava, pois nunca tinha vivenciado nada parecido com isso. Nessa tentativa, passei por situações como não receber pelo trabalho; ficar na estrada sem roupa... Enfim, o que é tão rotina na vida de uma pessoa trans na prostituição.



Nesse meio tempo, o cozinheiro me viu no ponto e se propôs a me ajudar. Ele me apresentou outra menina trans, que era da Argentina, e comecei a auxiliá-la a lavar roupa para fora. Após ele saber que eu dormia na praça, me chamou para morar com ele. Passei a fazer o serviço de casa, continuava a ajudá-lo no restaurante e a lavar roupa para fora. Depois de um tempo, surgiu uma vaga em outro restaurante, e ele me indicou para trabalhar lá. O trabalho era à noite. Assim que comecei, a dona do restaurante me pediu para trabalhar durante o dia na casa da filha dela, que tinha um bebê recém-nascido. Essa foi uma segunda fase da minha vida, em que eu buscava seguir em frente, sobrevivendo.

Certa noite, a polícia chegou no restaurante para me buscar – descobri que outra travesti tinha me denunciado, por eu ser menor de idade. Nessa noite, a polícia não teve sucesso, pois me escondi. No entanto, em uma manhã, ao sair para comprar pão, não consegui escapar. Fui levada para o juizado de menor. O juiz disse que eu deveria conviver com homens para aprender a ser homem e, em vez de me enviar para um brigo, me pôs em uma cela com nove rapazes em uma Delegacia do Menor. ***Mais uma vez, meu ciclo de vida foi quebrado brutalmente e começa uma outra fase da minha vida, que é conhecer a cadeia, condenada por um juiz por ser travesti.***



Depois de um tempo, fui enviada para o Centro do Menor, que se localizava ali no Costa e Silva. Lá, a convivência também não foi fácil. Eu dormia em um local separado para não ser assassinada. Então, durante esse período todo, meu isolamento era imenso, e eu não tinha nenhum apoio – nem de psicólogo, nem de assistência social; de juiz, muito menos, porque ele estava feliz em saber que eu estava aprendendo a conviver com homens, até mesmo a me defender.

No entanto, meu instinto de sobrevivência sempre falou mais alto. Com o tempo, comecei a usar os conhecimentos que tinha de antes do internato para ajudar os demais internos nas dificuldades da tarefa escolar. Além disso, fui encaminhada para trabalhar numa loja chamada Rádio Máquinas. Minha função lá era ajudar no controle de mercadoria, enviar telegramas, entre outras funções.

Trabalhei nessa loja por um bom tempo, até o momento em que o internato, considerando meu bom comportamento, me mandou de volta para casa da minha mãe. Fugi novamente. Conseguí alugar um quarto numa estância e busquei, mais uma vez, recomeçar a minha vida. Nessa situação, eu precisava aumentar minha renda, então voltei à prostituição.

Quando fiz dezoito anos e me senti livre do jugo familiar, conheci, na esquina, um rapaz que me deu forças para sair da rua. Fui morar com ele, iniciando outra fase na vida, que foi trabalhar em um salão de beleza. Aprendi a fazer trabalhos de iniciante e de lá para cá pretendi não estar mais

na prostituição nem aceitar as situações que a sociedade reserva a nós, mulheres travestis. A partir de então almejei ter tranquilidade na vida por meio da estabilidade da empregabilidade.

Para isso, sempre soube que era necessário ter estudo.

***Aos 50 anos, terminei meu Ensino Médio e aos 53 me formei em Gestão Pública. Hoje coordeno uma instituição que criei em 2012 e busco levar informações e minimizar o preconceito contra pessoas LGBTI+ em suas especificidades de mulheres travestis, transexuais e homens trans.***

# EU SOU FELIPE MANOEL ARAÚJO DA SILVA



São 11h02 de uma manhã ensolarada de domingo enquanto começo a escrever esse texto. Estou me preparando para ir almoçar na casa dos meus pais e lembro que a Dra Flávia havia me pedido para participar das biografias do BEM VIVER e, de pronto, eu havia negado. "Há histórias mais interessantes que podemos contar, Dra. A minha é comum", eu respondi. Foi então que ela veio com o argumento que me fez refletir (eu deveria saber que não poderia competir com ela seus muitos anos de experiência em audiências e argumentos bem fundamentados): "**histórias simples também são bonitas.**" Por que não conta sobre a sua relação com a família, sobre o privilégio de ser acolhido pelos seus pais?", indagou.

Eis me aqui. Refletindo sobre os meus 32 anos de vida como homem gay, integrante da comunidade LGBTQIA+ há muitos anos. Eu gostaria de dizer que "desde que me entendo por gente", mas não foi bem assim. Não que eu não fosse gay desde sempre, muito pelo contrário, eu era sim. Eu era muito! Mas lá no começo, durante a minha infância, eu não sabia que o que eu era, era ser gay. Desde pequeno a gente é ensinado que meninos gostam de meninas. E eu gostava delas. As minhas pessoas favoritas no mundo eram mulheres. Minha mãe, minha avó, minhas irmãs, minhas amigas. Eu as amava! Mas não era um amor romântico como as pessoas queriam que eu sentisse pelas minhas coleguinhas de classe, por exemplo



Pais de Felipe, Erasmo Batista da Silva e Telma Rosa de Araújo da Silva.

Uma das principais recordações que ecoam na minha memória foi o primeiro beijo que dei em uma menina, no intervalo da aula de Educação Física na 4ª série e aquilo não me deu sensação nenhuma, enquanto todos os outros meninos, meus amigos muito próximos, falavam entusiasmados de como havia sido seus primeiros beijos. Muitas dúvidas surgiram a partir daquele dia. "Será que eu não sei beijar? Será que foi um beijo ruim pra ela? Será? Será? Será?". Eram muitos os questionamentos que pairavam à minha mente. Mas em nenhum momento eu questionei minha sexualidade ou interesses afetivos. Eu não sabia o que era aquilo. Só sabia que eu estava sentindo algo diferente da maioria dos meus amigos homens.



E com essa dúvida eu fui crescendo. A vida foi ficando mais confusa. Os sentimentos foram nascendo, os hormônios aflorando, as informações foram chegando e eu fui me descobrindo um homem gay. Conforme o tempo ia passando, mais eu entendia o que eu era e o que significava todos aqueles sentimentos que até então eram confusos pra mim. Tudo foi se resolvendo, exceto uma única dúvida. Por que pra mim tava tudo bem ser um homem gay e para as pessoas não? Porque todo mundo me mandava sentar igual homem, dançar igual homem, falar igual homem, brincar como homem? Eu não era homem por ser gay? (Tudo bem que eu era bem afeminado naquela época - e continuo sendo - mas o que isso me fazia diferente dos demais ainda era uma questão).

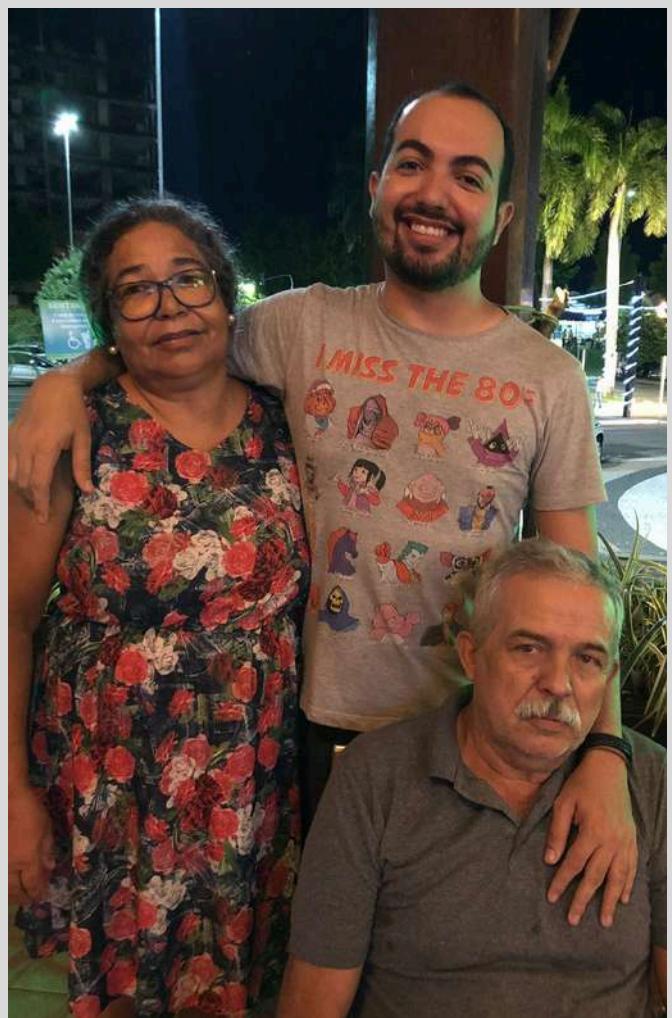
Há alguns anos, conversando com minha mãe, um pouco entre lágrimas e algumas sobras de sentimento daquela época confusa, agora já adultos e maduros, com excelente proximidade e diálogo aberto, falávamos sobre como foi difícil para nós nos encontrarmos. Ela e meu pai, depois de dez anos da segunda filha, no começo da década de 1990, veio o terceiro, homem, que anos depois, se declararia homossexual e eles precisariam aprender a lidar com aquilo. ***Foi um período incerto, com certeza, de passos curtos e muita cautela, mas de muito amor e cuidado. Buscamos e nem todas às vezes encontramos apoio. Eu e eles, dentro e fora de casa, mas superamos juntos, como decidimos fazer a partir dali tudo que temos enfrentado desde então.***



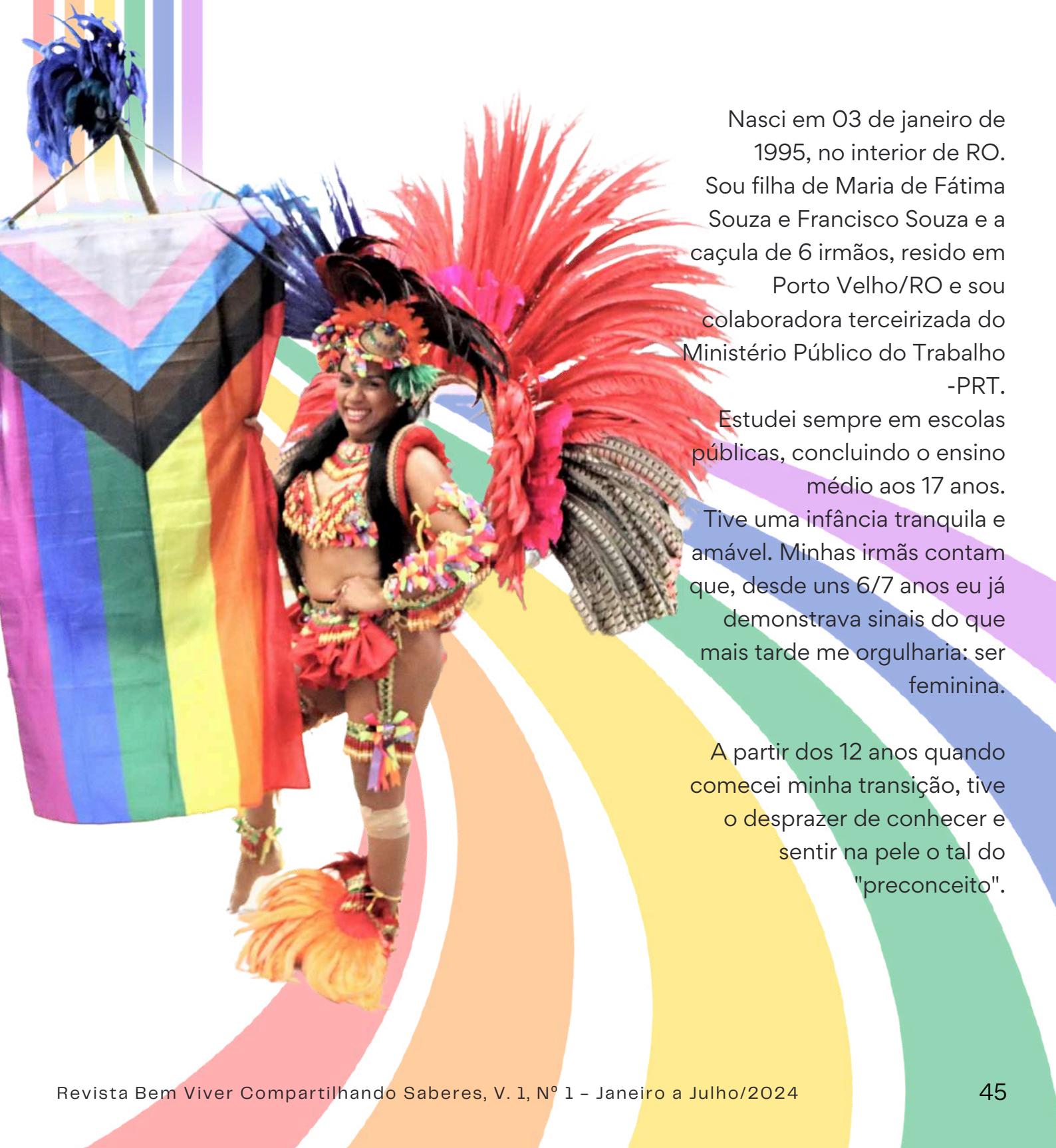
Neste momento eu me dei conta: não foi fácil, muito pelo contrário, mas foi bem mais fácil do que é para a maioria das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+. Eu não apanhei, não levei bronca, não fui expulso de casa e nem colocado em risco de forma nenhuma. Lembro também de, certa feita, ouvi dos meus pais: "nossa medo está em como será a vida pra você lá fora, na rua, no mundo. As pessoas são más, podem não aceitar e tentar te maltratar por isso, mas a sua casa é segura e você é muito amado aqui.

Que sonho seria se todos pudessem ser, verdadeiramente, quem são. Em sua essência mais pura e transparente. Sem amarras, sem questionamentos, sem poréns. Em casa, no trabalho, no cinema, no restaurante da esquina. Que sonho seria se as pessoas não apanhassem na rua ou fossem mortas de forma brutal simplesmente por amarem umas às outras, pela sua orientação sexual ou afetiva, pelo seu gênero, pela sua raça. Passado todo o filme da minha vida na mente, cito Martha Medeiros em Divã, uma das minhas frases literárias preferidas para resumir e concluir: "se eu tive problema na vida não foi por falta de felicidade". E faço votos de que, o quanto antes, todas as pessoas do mundo sejam capazes de se expressarem em sua totalidade, sendo felizes com suas descobertas internas e em comunidade, amando suas singularidades e respeitando as características das pessoas a sua volta. É disso que trata a diversidade, não?

***Com carinho, gratidão e admiração à minha família e aos meus amigos, que me amam e me apoiam. Obrigado por tudo e por tanto todos os dias!***



# EU SOU ALANA SOUZA



Nasci em 03 de janeiro de 1995, no interior de RO. Sou filha de Maria de Fátima Souza e Francisco Souza e a caçula de 6 irmãos, resido em Porto Velho/RO e sou colaboradora terceirizada do Ministério Público do Trabalho -PRT.

Estudei sempre em escolas públicas, concluindo o ensino médio aos 17 anos.

Tive uma infância tranquila e amável. Minhas irmãs contam que, desde uns 6/7 anos eu já demonstrava sinais do que mais tarde me orgulharia: ser feminina.

A partir dos 12 anos quando comecei minha transição, tive o desprazer de conhecer e sentir na pele o tal do "preconceito".

Minha vida virou um inferno, a família não aceitou e fui convidada a se retirar de casa. E foi aí que comecei a vivenciar todos os desafios que uma transexual pode enfrentar.

Fui entender mais tarde que, tudo que precisei passar foi essencial para me tornar uma pessoa forte, corajosa e determinada. Sempre enfrentei a tudo e a todos sem precisar passar "por cima" de ninguém.

***Me encantava buscar conhecimento, e foi assim que decidi que queria uma graduação.***

Não foi fácil, foi um leão por dia, humilhações, deboches, piadinhas, olhares punitivos e opressores, mas isso só me alimentava de força para seguir em frente e provar para mim mesma o quanto era forte.

Graças a Deus e ao meu esforço, consegui o bacharelado em Direito. E não parei de sonhar, sou acadêmica de enfermagem (4º período), um sonho de criança que logo irei realizar.

Luto pela inclusão das TRANSEXUAIS seja lá onde for, onde as bonecas quiserem.

Atualmente, eu e minha parceira (dupla de vôlei de areia), fomos e somos, a primeira dupla Trans do Brasil regularizadas que compete em torneios oficiais da federação do estado no naipe feminino.

Também sou a primeira Trans regional a ser item substituta oficial de uma agremiação de boi bumbá (Boi bumbá Marronzinho - atual campeão do arraial Flor do Maracujá).



**São conquistas pessoais importantíssimas para minha vida, pois sempre fomos colocadas às margens por uma sociedade hipócrita, padronizada e conservadora. E conquistas super relevantes para nossa comunidade Trans.**

Sou muito grata por tudo hoje em dia. Estamos conquistando nossos espaços e direitos como cidadãos.

Me relaciono maravilhosamente bem com minha família, tenho um companheiro incrível e tenho um trabalho digno. São os amores da minha vida.

**Não queremos e nem precisamos da aceitação de ninguém, só exigimos respeito! Simples, né?!**

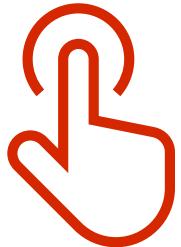
O esporte educa a mente!

Pratiquemos!!!



# ACESSE

**TODOS OS NÚMEROS DA  
REVISTÀ ESTÃO  
DISPONÍVEIS NA PÁGINA  
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA  
DE RONDÔNIA**



## Playlist

**OUÇA A PLAY QUE FIZEMOS  
ESPECIALMENTE PARA CELEBRAR  
A DIVERSIDADE**

**SCANEIE**



**OU CLIQUE**



